

CORPO: O ESTRANHO NA CASA. Uma caminhada pensante ¹

“Nascemos originais, mas morremos cópias.”

Jung

RESUMO

O objetivo do texto, *Corpo: o Estranho na Casa*, é apresentar uma descrição hermenêutica da milenar trajetória do corpo no interior da história das culturas ocidentais. Tudo começa com a ânsia da humanidade em descobrir um elemento que a identifique e, ao mesmo tempo, a distinga de todos os demais seres. A primeira distinção mais conseqüente está expressa nos mitos que buscaram uma contribuição divina para além do corpo e do mundo temporal. O pensamento racional, menos sonhador, definiu a Razão, presente no próprio homem, como a característica do humano. Em ambos os casos permaneceu o dualismo que, tanto com o divino quanto com o racional, reduziu o corpo a um objeto físico e subalterno. Situação que favoreceu e favorece mais interesses do que a compreensão do ser humano. Os esforços de recomposição da unidade antropológica, evitando uma soma de parcelas, ainda que crescente, esbarra na resistência consolidada de crenças culturais.

Palavras-chave: IDENTIDADE, DUALISMOS, UNIDADE

I PARTE

PREPARATIVOS

Uma observação inicial sobre o significado das palavras, anunciadas para apontar a direção, é fundamental para desenvolver e acompanhar uma caminhada pensante. Essas palavras, anunciadas no título são três substantivos – corpo, estranho e casa – que apelam para construir um caminho de pensares.

A primeira palavra – corpo – nas línguas neolatinas, apresenta-se com uma eloqüência semântica de alta sonoridade. Pode referir-se a um simples composto físico ou a virtuais conjuntos de doutrinas, de ofícios. Entretanto, nesta caminhada, corpo deve estar relacionado, obrigatoriamente pelo título de toda a obra, à educação física, à saúde e, por extensão, ao ser humano. Assim, a tarefa planejada, desde esse momento, será a de

¹ Capítulo publicado na coletânea:

SANTIN, Silvino. *Corpo: o estranho na casa - uma caminhada pensante*. In: LORO, A. P.; VINHA, M. V.; GOLIN, C. H. (orgs.). **Educação Física: enfoques contemporâneos**. Dourados/MS : Ed. UFGD, 2013.

descrever a presença do corpo nas compreensões da característica específica da identidade do modo de ser da espécie humana.

A segunda palavra – estranho – diz que um elemento ou um indivíduo não integram organicamente uma determinada organização. É algo que não faz parte de um grupo ou da normalidade de uma estrutura. Dito simplesmente, não é familiar.

A terceira palavra – casa – será assumida com o sentido original da tradição grega, oikos. Os gregos, pela palavra oikos, designavam casa todo o grupo de pessoas que nela vivem, além dos animais e todas as propriedades a ela vinculadas, inclusive a sua administração. Portanto, atualmente, oikos está na raiz da economia, como administração da casa, da ecologia, especificamente enquanto se fala de ecologia humana, como o estudo das relações do ser humano com seu ambiente natural e cultural. E, também, do ecossistema, que pode ser definido como um sistema composto pelos seres vivos humanos ou não, e por todos os recursos necessários para sua sobrevivência. Um indivíduo humano é um ecossistema.

As três palavras, acima descritas, serão as sentinelas e as guias da caminhada pensante. A questão, agora, é saber que tipo de ação é pensar. A pergunta que desafia a todos os pensadores é: o que é preciso fazer para pensar? Há, neste sentido, alguns trabalhos instigantes, mas não apresentam conclusões definitivas.² Diante desta situação, talvez, seja interessante adotar a mesma posição de Santo Agostinho diante do tempo. Ele disse: eu sei o que é o tempo, mas quando me perguntam o que é, já não sei. É só substituir tempo por pensar.

Diante da dificuldade de definir conceitualmente o pensar, a opção foi observar sua fenomenologia que se manifesta nos cenários em que o corpo assume papéis diferentes nas dramaturgias construídas pelos processos históricos para estabelecer a identidade ou, se preferirmos, a natureza do Homem. Teremos, assim, uma descrição pensante ou um pensar descritivo? Não se trata de duas opções que se excluem. Ao contrário, andam juntas pelo processo de reversibilidade, segundo o pensamento de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961).

A decisão em favor da ação de descrever busca inspiração em Edmund Husserl (1859-1938), especificamente nesta citação de Merleau-Ponty em seu prólogo à Fenomenologia da Percepção: “Trata-se de descrever, e não de explicar nem de analisar. Esta é a primeira

² Martin Heidegger escreveu a obra intitulada *Was heisst Denken?* 1954. Tradução francesa, *Qu’Appelle-t-on Penser?* Tradução literal para o português seria, *O que se chama pensar?* Acontece que tanto no alemão, Heisen, tanto no francês *Appeler* significam chamar como na expressão, *O professor se chama José.*

instrução que Husserl deu à fenomenologia principiante de ser uma ‘psicologia descritiva ou ‘uma volta às coisas mesmas’’.³ Toda descrição resulta da percepção, assim descrita por Merleau-Ponty: “A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada, ela é o fundo sobre o qual todos os atos se desprendem e ela é pressuposta por eles”.⁴

Falta, ainda, lançar um olhar sobre o autor da descrição e o sujeito da percepção. Para ser breve será preciso ultrapassar os conceitos de um sujeito percebente neutro, independente e distante do mundo dos fenômenos. Ao contrário, é um sujeito mergulhado no mundo percebido. Para chegar a essa compreensão foi preciso recorrer a Martin Heidegger (1889-1976) ao propor o Dasein, como o modo de ser do ser humano. O Dasein, comumente traduzido, com inspiração francesa l’être là, como Ser-aí, revela a condição de ser-no-mundo. Cada ser humano é um ser datado e situação. Em palavras simples, ele é seu agora e seu aqui. Em outras palavras, ele é um momento e um lugar. Mais confiável escutar o próprio Heidegger.

“O ser-aí existe facticamente. Pergunta-se então como conceber a unidade ontológica da existencialidade e da facticidade, quer dizer a pertença essencial da segunda à primeira. O ser-aí, em razão do sentimento da situação que lhe é essencial, possui um modo de ser segundo o qual ele é colocado em presença de si-mesmo e revelado em sua derelicção (abandono). A derelicção, de outra parte, é o modo de ser de um ente que é ele-mesmo suas possibilidades, e de tal sorte que ele se compreende a partir delas e nelas.”⁵

Dois pontos devem ser sublinhados. O primeiro diz respeito à idéia de abandono. Para Heidegger o homem foi lançado ao mundo entregue à sua própria sorte contando apenas com suas possibilidades sem nenhuma esperança de auxílio divino. Ele se encontra diante si-mesmo obrigado a assumir-se. O segundo ponto é o sentimento de situação. Esse sentimento é o que desperta o homem para superar seu abandono e ser ele-mesmo. Descobre que ele é as suas possibilidades. As possibilidades constituem o conjunto de seus recursos e apelos. Neste momento se inicia o projeto da sua existência autêntica, iluminada pela consciência de si, de suas possibilidades e de seus limites.

³ Merleau-Ponty, Maurice. *Phénoménologie de la Perception*. Gallimard, Paris, 1945 p. II.

⁴ Idem p. III.

⁵ Heidegger, Martin. *Sein und Zeit*. 1927. Trad. francesa por Rudolf Boehm e Alphonse de Waelliens, *L’Être et Le Temps* Paris, Gallimard, 1964. P.222. Trecho traduzido para o português por Silvino Santin.

Esta resumida apresentação do que Heidegger quis dizer com o termo Dasein (ser-aí) é suficiente para compreender porque a existência refere-se unicamente ao ser-humano. Os demais seres, inclusive Deus, não existem. Somente o homem existe. Os demais seres são, entretanto seu modo de ser não é o de existir.

Por fim, para completar os preparativos da caminhada, chegamos a Merleau-Ponty para encontrar o corpo. Resumindo os dois referenciais anteriores, para entender melhor, Husserl, em seu projeto de constituir a filosofia como ciência rigorosa, colocou como exigência fundamental um sujeito epistemológico isento de quaisquer pré-juízos ou pré-conceitos. Tal projeto de um sujeito, purificado e imune a qualquer a priori, foi nomeado de Eu Puro ou Consciência Transcendental. O projeto não deu certo. O próprio Husserl reconheceu: “A filosofia como ciência, como ciência ‘séria’, rigorosa, e mesmo apodicticamente rigorosa: o sonho acabou”.⁶

Heidegger, antes que Husserl reconhecesse o insucesso de chegar à Consciência Transcendental, havia discordado do mestre mostrando que toda consciência será sempre um ser existencial, o que significa admitir que ela é mundana, temporal e situada. Entretanto ambos ficaram presos à consciência. Coube a Maurice Merleau-Ponty dar um passo mais ousado e estabelecer o corpo como a condição humana. O homem é um ser corporal. Ele não tem corpo. Ele é corpo. Portanto, sou corpo, e não, tenho corpo. O corpo, neste sentido, não é uma parte, a física, do ser humano, mas sua totalidade. Todas, é fundamental sublinhar, todas as manifestações humanas são manifestações corporais.

A única fonte de todo agir humano é o corpo, e todo seu agir é uma expressividade corporal. Nesta compreensão o ato de pensar, ainda que adote modelos diferentes, o beijo da netinha na testa enrugada e de cabelo branco original da vovó ou os cruzados de direita e esquerda do lutador de boxe são expressões corporais, o que os distingue é a respectiva semântica.

Voltando a Husserl, em sua conferência sobre a crise da ciência européia, ele afirma: “A simples ciência do corpo manifestamente nada tem a nos dizer, pois ela faz abstração de

⁶ Husserl, Edmund. Die Krisis Europaischen Wissenschaften Und Die Transzendente Phenomenologie. 1954. Tradução para o francês de Gerard Chanel. La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendentale, Appendice XXVIII, p. 563,

tudo o que é subjetivo”.⁷ A filosofia de Merleau-Ponty se apresenta como uma proclamação da unidade do ser humano em oposição radical contra qualquer dualismo.

Concluída essa primeira parte, apresentada como preparativos para a caminhada pensante, chegou o momento de dispor-se a caminhar seguindo, desde as origens, a fenomenologia do corpo humano através do processo de desenvolvimento da humanidade.

II PARTE

A CAMINHADA

Pensar as origens do ser humano nos leva a considerar duas posições divergentes, a do criacionismo, durante muito tempo, dominante; e a do evolucionismo, surgida apenas no século XIX, mas que se tornou, cientificamente, a mais plausível. Sem entrar no mérito das duas correntes, a opção neste exercício pensante foi em favor das teorias evolucionistas.

Evidente, não é o momento de apresentar a doutrina do evolucionismo, mas apenas admitir que houve um processo de desenvolvimento em que houve a passagem de seres não vivos para seres vivos e destes para formas de vida superior, que seria a vida humana. O ponto de partida desta caminhada pressupõe as fases de vidas anteriores e se estabelece na espécie dos seres humanos. Suas raízes biológicas são compartilhadas com os primatas, especialmente os identificados como homínídeos. Este fato é importante dado o grande parentesco genético entre todos os grupos. Houve um momento em que, um destes grupos deu um salto qualitativo distanciando-se, talvez lentamente e por momentos alternados, ao incorpora, em sua organização viva, outras funções, em especial, de criar uma imagem de si distinta das demais espécies vivas, ainda que mantivesse uma estreita relação comunicativa com a natureza.⁸ Os antropólogos denominam totemismo tal fenômeno. E, em traços gerais, o definem com prática baseada na crença da existência de um vínculo sagrado com todos os seres da natureza, notadamente, plantas e animais.

⁷ Husserl, Edmund. Opus Cit. P. 10-11.

⁸ Esses saltos, de formas inferiores para formas superiores de organização, mais nitidamente observáveis na esfera da vida e acontecidos fora da causalidade lógica das ciências, foram denominados de pontos críticos por Teilhard de Chardin, o mais espetacular foi o da hominização. Cf. O Fenômeno Humano, Cultrix, 1955.

Neste primeiro momento da caminhada já aparece uma organização viva corporal capaz, aparentemente, graças ao Totem, de querer uma identidade própria, não apenas instintiva, mas reconhecida. O fato mais convincente seria o domínio da fala. Falar significa em primeiro lugar nomear as coisas sem que estejam presentes. O ponto da fala, segundo os lingüistas, é o fato lingüístico. Os insetos societários, como formigas e abelhas, comunicam-se por uma ‘linguagem’ gestual.⁹ Os gregos teriam, inicialmente definido o homem como *Czoon Logon Echon*. A tradução mais habitual é animal racional. Alguns estudiosos do pensamento grego chegaram à conclusão de que a tradução mais correta seria: ser vivo que fala ou possuidor de linguagem. De fato, *logos*, originalmente, significa palavra e não razão (*ratio* latina). Para acrescentar mais uma significativa contribuição a este tema, não se pode deixar de lembrar Humberto Maturana ao abordar a questão da origem do humano. A evolução do cérebro é defendida pela maioria dos biólogos como a condição para a hominização.. A dissonância está na sua manifestação. Maturana discordando dos biólogos que atribuem à mão e a manipulação, ele afirma: “ao contrário, eu defendo que a história do cérebro está relacionada principalmente com a linguagem”. E conclui: “O peculiar do humano não está na manipulação, mas na linguagem e no seu entrelaçamento com o emocional”.¹⁰

A primeira consequência da auto-identificação foi um distanciamento, ainda que parcial dos demais seres, que pode ser percebido nos rituais xamânicos referentes ao espírito dos mortos. Entretanto, parece que na vida cotidiana as pessoas viviam na unidade. Pelo menos não há uma declaração explícita de corpo e espírito como determinante da vida individual e social.

Uma vez de posse e domínio da linguagem foi possível transcrever em palavras o que os humanos viam e o que imaginavam que poderia ser. Aos poucos foram formando palavras e narrativas para nomear cada coisa, para contar os fatos ocorridos ou para expressar suas preocupações sobre os fenômenos inexplicáveis ou sagrados da natureza, em especial, as origens de todos os seres, incluída a deles mesmos.

⁹ Karl Von Frisch é o grande estudioso da comunicação das abelhas. Como não inventaram o fato lingüístico, que exige a constituição de código lingüístico, criaram a ‘linguagem da dança’.

¹⁰ Maturan, Humberto. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte. Ed.MG. 3ª Reimpressão. 2002. P. 19.

Nesse cenário linguageiro surgem os mitos, que são narrativas orais, elaboradas sem as exigências da racionalidade – bem entendido a racionalidade moderna – e que buscam “explicar” os fenômenos naturais a partir do fato maior a origem do mundo e do homem. Pode-se afirmar que o mito é a ‘ciência’ que define a realidade e traça o projeto de um povo. Em termos de funcionalidade os mitos foram para as culturas da antiguidade, o que as ciências são para as civilizações modernas. As narrativas que tratam das origens são classificadas pelos mitólogos como os mitos de origem. Esses são a fonte original das demais narrativas míticas de uma cultura.

Atualmente, a mitologia, como ciência que estuda os mitos, possibilitou uma releitura dos mitos tornando-se um capítulo fascinante da antropologia e da filosofia hermenêutica. A abertura para releituras de mitos possibilita reinterpretar os elementos que os compõem. Nos limites dos objetivos desta caminhada, em seus primeiros momentos, tornou-se fundamental, mesmo indispensável, o recurso aos mitos de origem. Com base nas culturas ocidentais, foram escolhidas duas narrativas míticas pelo seu foco na “explicação” e na estrutura essencial do ser humano. A primeira opção recaiu sobre o mito bíblico do Paraíso Perdido¹¹, considerado como o mais antigo da tradição ocidental. Nele está explícito que o ser humano é uma criatura, obra de seu criador, Javé. Um elemento é mundano, terreno. Fisicamente foi moldado a partir do barro, supostamente, nos traços atuais. O segundo elemento, responsável pela vida do barro moldado, tem origem externa. Uma doação do próprio criador através de seu sopro, elevando-o assim a participante da vida divina e eterna. Na hermenêutica tradicional o homem é um composto de um elemento material perecível, e outro espiritual e incorruptível. Em termos atuais e simples, o homem é um ser dotado de alma e corpo, A morte os separa O corpo volta ao pó do qual foi formado. A alma espiritual volta para o seu Criador.

A segunda narrativa mítica é da tradição latina. Os especialistas não a classificam entre os mitos, Entretanto essa diferença não altera a validade de sua inclusão para os objetivos aqui perseguidos. Trata-se da lenda da deusa Cura.¹² Cura, da mesma maneira que Javé, apanhou um punhado de lodo e confeccionou uma figura, que seria a do corpo humano,

¹¹ Carneiro Leão, Emmanuel. Aprendendo a Pensar vol. I, IV parte, cap. A Hermenêutica do Mito. P. 193-208. Petrópolis, Ed. Vozes, 1977.

¹² Heidegger, Martin. Op. Cit. Trad. Francesa. P.240-244.

mas ela não tinha poderes para dar-lhe vida. Apelou para Jupiter que de pronto a atendeu dando-lhe o seu espírito.

Para ampliar a compreensão da situação desta original criatura, uma digressão se faz necessária. Assim que a nova criatura ficou completa, surgiu um conflito entre Cura e Júpiter sobre seu nome. No meio da disputa, chega Terra (Tellus) e exige que nomeia-la cabe a ela por ter emprestado parte de seu próprio corpo. Os conflitantes escolheram Saturno por árbitro. Ele determina: “tu, Júpiter, que lhe deste sua alma, e tu, Terra, que lhe deste seu corpo, receberéis na sua morte quem a alma e quem seu corpo, respectivamente. Durante a vida ficará sob o controle de Cura que é sua modeladora. E seu nome será Homo, de húmus.”¹³

Sem entrar no mérito das diferenças entre a lenda de Cura e o mito do Paraíso Perdido, os dados a serem sublinhados referem-se às instâncias da constituição do ser humano. Em ambos fica evidente que o ser humano se compõe de material terrestre, o corpo orgânico, e de dimensão espiritual, doação divina. Portanto é resultado da soma de dois elementos de naturezas diversas, para não dizer opostas. Uma corruptível. Outra incorruptível. O outro aspecto a ser sublinhado é o novo estatuto existencial inaugurado para a espécie humana. O humano do homem passa do corpo, oriundo da terra, para o espírito, elemento concedido pelas divindades. A questão mais complexa está na relação entre o físico e o espiritual, não enquanto eles se unem para constituir um ser original, mas enquanto um se torna o senhor e o outro o servo. A relação senhor-servo não precisa explicações. As culturas desenvolvidas sobre esse paradigma falam por si. Neste sentido deve-se observar que o paradigma bíblico, corpo-alma, passou a determinar a existência individual e a organização social. Na vida individual cada indivíduo segue a trajetória purificadora de um caminhante temporário rumo à perfeição espiritual. Cada momento de sua vida, do nascimento à morte, deverá ser guiada pela alma atendendo os apelos de seu Criador. A ordem social, também, passa a ser determinada pelas diretrizes que levam as pessoas a uma vida de sacrifício, quando não de negação do corpo, como garantia de perfeição e de plenitude tendo como recompensa a felicidade eterna. A ciência que rege, seja o indivíduo seja a sociedade, é a teologia.

Quanto à lenda da deusa Cura, como não se tornou um paradigma civilizatório, oferece, apenas, a concordância da compreensão do ser humano conforme o modelo bíblico.

¹³ Heidegger, M. Op.cit. p.242.

Anteriormente aos mitos, o esforço de construir a identidade do ser humano apenas instaurou uma distinção, até certo ponto, harmoniosa entre todos os seres. Com a configuração mítica de corpo e alma, instalou-se, de um lado, uma oposição de essência, de outro lado, foi criada uma instância hierárquica de poder. Há um comandante acima do corpo que rege sua vida. Os primeiros comandantes, como apresentado acima, são de origem divina. Sua legitimidade está garantida nas ciências teológicas.

Esse paradigma antropológico dual ou binário instalou-se definitivamente como fonte de inspiração em todas as instâncias das culturas ocidentais, embora valores e objetivos, muitas vezes, eram manipulados pelos poderosos.

Os gregos, a partir do século VI a. C, iniciaram um processo de libertação da tradição mítica, procurando outros critérios de compreender a realidade e a si-mesmos. O conhecimento deveria basear-se em princípios e não na vontade dos deuses. O princípio de causalidade constitui-se na base do novo paradigma epistemológico. Sua formulação simplificada pode ser expressa da seguinte maneira. Tudo o que é ou acontece tem uma causa. Assim, todo efeito tem uma causa. E, por fim, todo efeito tem a mesma natureza da causa. Com esse princípio os pensadores gregos passaram a observar o comportamento de todas as coisas, e verificaram que tudo vinha de uma causa primeira. O desafio maior era descobrir a causa da vida em determinados seres. Uma observação imediata mostrava que os seres vivos animais respiram. O princípio vital seria o hálito, o sopro ou o ar. Daí surgiu o termo *psique*, que inicialmente significava ar. A *psique* humana, como os homens se distinguiam dos demais seres vivos, deveriam ser dotados de uma *psique* diferenciada. Comparando o comportamento humano com o dos animais, concluíram que o homem elabora conhecimentos. Assim, a *psique* humana não só é fonte de vida, mas também de conhecimento. Quanto à origem da *psique*, eles não conseguiram defini-la claramente. Certamente não é causada pelo corpo porque possui outra natureza. Posteriormente, *psique* foi traduzida por alma, mente ou espírito. Tradução que persiste até hoje, ainda que continuamente reinterpretada.

Platão em diversos diálogos defende a idéia de que todos os seres vivos são dotados de *psique*. Referente ao ser humano no diálogo *Politéia*, mas conhecido como *A República* de

Platão, ele fala de três almas, a vegetativa, a sensitiva e a racional¹⁴. O homem seria a soma das demais psiques. Uma leitura mais atenta do pensamento de Platão revelaria que a classificação das três categorias de almas estaria na base da justificativa das classes sociais.

Portanto, se no indivíduo a psique é distinta do corpo, na sociedade ela distingue as categorias sociais de acordo com o tipo de psique dominante. Evidentemente os portadores da alma racional são superiores aos portadores das outras duas almas, estas contaminadas pelos humores do corpo.

Há uma diferença significativa entre o dualismo dos mitos apresentados e o dualismo grego. Nos mitos o elemento, concedido pela divindade de maneira benevolente, é o complemento indispensável para a hominização do corpo moldado em barro. Os dois elementos, corpo-espírito, formam uma unidade essencialmente necessária. No dualismo grego, pelo menos na leitura dos diálogos de Platão, a presença da psique não está claramente definida. Uma idéia muito forte é a de que a psique foi condenada a entrar no corpo. Uma situação, no dizer de Platão, em que o corpo se transformou no cárcere da psique, obrigada a lutar até a morte para libertar-se através da filosofia.¹⁵ As duas posições, consideradas individualmente, privilegiam o segundo elemento, espírito e psique, como o humano do homem e, portanto, responsável pela condução e controle do corpo. Na posição grega platônica, o papel da psique racional não é somente o domínio sobre o corpo individual, mas também sobre as psiques inferiores, o que lhe confere o governo sobre todos os outros indivíduos da sociedade.

Na medida em que foi adotado o pensamento de Platão, em especial o diálogo, *A República – Politéia* – como referência principal para falar da psique em relação ao individual e ao social, é indispensável lembrar o outro projeto grego, estritamente vinculado ao primeiro, o da educação – *Paidéia*. O projeto pedagógico grego, mantendo a imagem humana dualista, tem como objetivo a formação do homem grego.

A história nos mostra que os gregos foram os primeiros a colocar a educação como um problema relacionado à formação dos indivíduos para poderem ocupar um lugar na ordem social. A palavra *Paidéia* aparece no século V a. C., mas as práticas pedagógicas planejadas, segundo os especialistas, remontariam ao século IX a. C. na era de Homero.

¹⁴ De fato o diálogo de Platão, tem como título original, *Politéia*, um projeto político de organização de um Estado, corresponde ao projeto educacional, *Paidéia*.

¹⁵ Padovani U. Castagnola, L. *História da Filosofia*. 9ª Edição. 1972. São Paulo, Ed. Melhoramentos, p. 118.

Inicialmente, a educação se concentrava mais na formação do homem (indivíduo) através de atividades físicas concentradas na ginástica e nos exercícios atléticos. O que importava era desenvolver qualidades físicas como destreza, força, coragem, bravura. Isso se explica diante das constantes guerras entre as cidades. Com o passar do tempo e as mudanças políticas, o modelo vigente não era suficiente, precisou sair do enfoque de uma pedagogia física formadora do homem, como eles diziam, para uma formação do cidadão. “Era preciso formar o homem inteiro, o homem e o cidadão, constituído de modo correto, sem falha, nas mãos, nos pé e na cabeça”. Para isso, o conteúdo pedagógico deixou de ser a ginástica, para ser o ensino da música, da arte, da poesia, do teatro, da filosofia. As qualidades físicas devem ser completadas pelas espirituais e morais a fim de formar um cidadão perfeito tendo a justiça como fundamento maior.¹⁶

Nos dados, acima referidos, aparece uma distinção entre homem e cidadão. Aparentemente, essa compreensão de homem indicaria um estágio anterior à aquisição da cidadania. Seria, na linguagem atual, a distinção entre alienação e conscientização ou, na linguagem Heidegger, autenticidade e inautenticidade.

As conseqüências dessa nova antropologia estão presentes até hoje nas ciências em geral. Basta lembrar a psicologia e a psicanálise, ambas como estudos do psiquismo. Não se pode esquecer a distinção entre doenças físicas e doenças psíquicas do que se originam a medicina corporal e a psiquiatria, diferenciadas, também, pelos remédios e pelo divã.

Foi durante a Idade Média (séc. V a XV) que o modelo bíblico-grego encontrou seu maior domínio. Houve uma aproximação dos dois modelos, o mítico e o grego, mantendo o dualismo como somatório de corpo e alma, herdado das duas tradições, mas privilegiando as relações conflitantes, mais acentuadas na tradição grega.¹⁷ Esses dez séculos de história europeia foram marcados pela expansão do Cristianismo impondo seu domínio em todos os setores graças a estreita vinculação da Igreja com o Estado. Dá para afirmar que a carta magna de todos os povos europeus era a teologia cristã, cuja sistematização foi feita por

¹⁶ Todas as referências ao projeto pedagógico grego deste parágrafo estão em Jaeger, Werner, *Paidéia*. São Paulo, Ed. Herder, 1945. P.3-18.

¹⁷ Daqui em diante serão adotados os termos corpo e alma, independentemente dos conceitos filosóficos e teológicos, para designar os elementos constitutivos do ser humano.

Santo Tomás de Aquino em sua grande obra a Suma Teológica, baseado na doutrina Cristã e, filosoficamente, inspirado no pensamento de Aristóteles.¹⁸

O período medieval, embora seja reconhecido por muitos como a época das trevas, deve-se reconhecer que o processo de organização dos povos encontrou um ambiente favorável. Em relação ao acesso à cultura, ainda que apenas para os privilegiados, houve certa expansão, especialmente, com a criação das primeiras universidades incentivando o estudo da filosofia grega. Quanto à compreensão do ser humano, as análises são muito controversas. O certo é que predominou um moralismo, por vezes, feroz. As atenções eram dirigidas para o espiritual. A preocupação de todos era salvar a alma. A vida terrena era uma transição para a vida eterna, mas precisava ser merecida pela purificação. O corpo foi designado instrumento a serviço da alma para alcançar a perfeição. Por isso ele deveria ser submetido a inúmeras privações, abstinências de toda ordem, jejuns, mortificações e, particularmente, a fuga dos prazeres.

O símbolo maior dos sofrimentos a serem aceitos, ou mesmo procurados, foi o Cristo Crucificado. As penitências da Quaresma, as liturgias da Semana Santa e da Sexta Feira Santa, a procissão do Cristo morto, a prática da ‘Via Crucis’ exigiam a participação efetiva de todos. Era o tempo da expiação dos pecados, a maldita doença que afeta a alma.

A questão da sexualidade mereceria um capítulo a parte, tal era a vigilância sobre as manifestações sexuais. O recato era o primeiro, digamos, mandamento do comportamento e do vestuário, particularmente, das mulheres em qualquer situação, de maneira mais severa no ingresso aos templos. Neste sentido é bom voltar ao mito do Paraíso Perdido. Assim que comeram da fruta proibida, a primeira coisa que perceberam foi a nudez. Por isso, com vergonha, foram se esconder. E Javé confeccionou uma vestimenta com folhas de figueira. Fica bem evidente que, nem o Criador tolerava a nudez, pelo menos segundo a narrativa mítica. A prática sexual foi admitida sempre como heterossexual, e legitimada pelo sacramento do matrimônio, em função da geração de filhos. Jamais como puro prazer. A virgindade era, neste sentido, o supremo dote de uma jovem. As ordens religiosas e os consagrados ao ministério deveriam praticar o voto de castidade.

¹⁸ Aquino Tomás de. Suma Teológica. 1273. Boni, I. A. De, Costa, Rovílio. Porto Alegre Ed. EST.

Resumidamente, o corpo era o grande vilão, capaz de arruinar irremediavelmente, o destino eterno da alma. Ele era a porta de ingresso de todos os males. Por isso devia ser vigiado pela alma e mantido submisso por meio de penitências e privações.

Outro capítulo, longo e vergonhoso, foi a escravidão. Seres humanos tratados como se animais fossem. Eram corpos sem psique, sem alma, isto é, não humanos. Os gregos, apesar de sua lucidez, praticaram e justificaram a escravidão. Os cristãos não ficaram devendo aos gregos. Em nome da doutrina cristã justificaram e, mais, praticaram a escravidão. Na carta aos Efésios VI, 5, o apóstolo Paulo diz: “servos obedecéis a vossos senhores carnais”. Falando em senhores carnais ele mostra que só detêm o poder sobre o corpo e não sobre as almas. Essas são livres, intocáveis. Como a escravidão era uma prática comum, os pregadores cristãos anunciavam que a escravidão do corpo era passageira e terrena, o importante era que, perante Deus, todos eram iguais. Depois da morte não haveria mais nem senhores e nem servos. Portanto, ser escravo seria um destino circunstancial.

A história do Brasil mostra que, aqui, a escravidão se manteve legalmente até 1889. O último país das Américas a abolir a escravidão. Julgava-se que escravizar africanos era um favor que se lhes fazia. O padre Antônio Vieira, apesar de defender os índios contra os senhores escravistas, assumiu uma postura incompreensível diante dos escravos negros. No seu sermão Vigésimo Sétimo, Vieira “declara bem-aventurados os escravos africanos pela transmigração da África para o Brasil, porque encontraram o batismo que lhes garantiu a transmigração para o céu”. Essas atitudes pelo descaso total do corpo, mesmo entre pessoas das quais se esperaria outra atitude, eram mais frequentes do que se pensa e, o que é mais grave, aceitas como naturais. A escravidão era uma situação social normal. O que importava era a alma, que permanecia, segundo essas teses, livre e com o caminho mais seguro para o céu do que seus ricos senhores carnais.

Em relação ao Padre Vieira, é possível se fazer uma sutil diferença que pode ser-lhe uma atenuante. O seu enfoque, como pregador cristão, era levar todos os homens ao céu. É sabido que, para os cristãos, a porta do caminho do céu é o batismo. Ora, os índios podiam ser batizados ou já eram, sem passarem pela escravidão, via aldeamentos, entretanto, para os africanos, a oportunidade de receber o batismo, seria, no caso, a escravidão.

Neste contexto cabe, também, a descrição de Michel Foucault, em *Vigiar e Punir*, da execução de um condenado – sem excluir as punições, os suplícios e os corpos dóceis – no

qual são atrelados quatro cavalos nas extremidades dos membros superiores e inferiores. Após várias tentativas frustradas, o confessor se aproximava para confortá-lo e perguntar se tinha algo a dizer¹⁹. Provavelmente não é exagero lembrar uma há função da Cruz Vermelha. O cenário começa com os “promotores da paz”, armados com artefatos mortíferos, fazem centenas de vítimas inocentes ou combatentes das potências beligerantes, ceifando vidas jovens e estraçalhando corpos. Decreta-se uma parada estratégica para a Cruz Vermelha, financiada pelos próprios países beligerantes, entrar em cena e socorrer as vítimas. Não é uma repetição do cenário de execução medieval, descrito por Foucault?

A caminhada pensante, até este estágio, identificou um descaso pelo corpo desde o momento em que entraram na casa, seja um príncipe, seja uma princesa, esses assumiram o poder de decidir autoritariamente. Quanto à educação física, se assim pode ser denominada, ficou por conta de penitências, mortificações, privações e trabalho na escola cristã. A escola grega oferecia exercícios físicos, ginástica, atividades atléticas para desenvolver destrezas. A saúde valorizada era a da alma ou da psique. Saúde corporal parece não ser objeto da “educação física”. Esta situação, num mundo de mudanças, deveria provocar uma reação contra tal selvageria corporal. Para saber se isto aconteceu, é preciso caminhar e pensar em direção ao Renascimento.

Antes, uma paradinha para entender o movimento renascentista. Renascimento é uma palavra que anuncia outro nascimento. Então, falta procurar os fatos que justificam o florescer de uma nova vida. A característica mais acentuada é a de que os artífices e pensadores renascentistas nortearam as mudanças em direção a um ideal humanista e naturalista em substituição ao ideal medieval teocêntrico e teocrático. O passado, como não se reproduz, o único acesso está nos depoimentos históricos e nas obras preservadas. As suas origens não estão bem estabelecidas. Há muitas divergências sobre as datas, já que não aconteceu simultaneamente em todas as esferas do desenvolvimento europeu. Pode-se falar em renascimento das ciências, da política, da filosofia, das artes, da música, da educação e da ordem social em geral. A vida privada, especialmente na moral, continuou sob a vigilância da doutrina cristã. Em certos casos, como no jansenismo, ficou mais rígida.²⁰ A

¹⁹ Foucault, Michel. *Vigiar e Punir*, Petrópolis, Vozes, 1977. P. 11

²⁰ O Jansenismo é um movimento criado, na França no século XVI, pelo bispo Cornelius Jansen, caracterizado por um radicalismo dogmático e moral. O corpo era totalmente impuro. Por exemplo, somente mãos consagradas podiam tocar na hóstia.

maioria dos estudiosos situa o movimento renascentista do século XIV ao XVI. Seja como for, esta questão não afeta o andamento da caminhada. A atenção, como não poderia deixar de ser em obediência ao proposto no tema, vai se concentrar nos fatos e nas idéias que mais manifestaram a ressurreição do corpo. Sem dúvida, o corpo ressurge exponencialmente nas artes. A escultura e a pintura, entre as artes, serão privilegiadas.

Uma pergunta intrigante. Por que as artes? A resposta mais provável é de que a arte está incluída na Poiesis (poesia=criatividade) grega, portanto não tem regras rígidas, condição de liberdade. O artista tem liberdade de inventar, de criar. A linguagem artística não tem ou tem pouca gramática. Além disso, em tempos de ditaduras, os artistas são os primeiros a sofrerem em sua liberdade de criar.

Para seguir a caminhada projetada, sem maiores digressões, é preciso fazer mais uma opção reducionista. A primeira opção foi pelo Renascimento das artes. Agora, no interior das artes, a opção foi pela escultura e pintura acentuando dois grandes mestres, Michelangelo Buonarroti e Leonardo da Vinci. De Leonardo da Vinci (1452-1519) será citada apenas a famosa obra, e de todos conhecida, o Homem Vitruviano, considerado, unanimemente, como a síntese do ideário renascentista clássico. A leitura mais comprometida fica por conta das obras de Michelangelo Buonarroti (1475-1564), um dos grandes mestres do Renascimento artístico italiano e europeu.

Inicialmente é interessante uma observação sobre as primeiras obras de Michelangelo pouco referidas e, menos ainda, prestigiadas, embora tenham sido as que o projetaram para alcançar a fama e o apoio de grandes mecenas. Duas obras, entre outras, merecem ser citadas, a de Cupido e a de Baco. A primeira foi, segundo estudiosos, a chave da porta para o reconhecimento de sua genialidade em trabalhar o mármore. Cupido, da mitologia romana, é o deus do amor ou, simplesmente, o amor. Hoje é mais lembrado como o deus que carrega o dardo do amor. Corresponde a Eros, da mitologia grega. Baco, também, da mitologia romana, corresponde a Dionísio, da mitologia grega. Ambos são festeiros, entregues ao lazer, ao vinho, às belas mulheres, às orgias e aos prazeres das paixões.

Por que esses dois deuses são destacados aqui? Porque representam a radical ruptura com as imagens de corpo e de princípios morais, praticados anteriormente.. Baco e Dionísio representam o oposto do deus Apolo. O deus perfeito de corpo e de mente. O ideal de

perfeição humana. Enquanto os dois deuses, esculpidos por Michelangelo, são pouco elegantes corporalmente e sempre apresentados em situações festivas regadas a vinho.

As próximas quatro obras, sempre de Michelangelo, permitem diferentes leituras, como qualquer obra de arte. Aqui a leitura de cada uma acentuará aspectos ou mensagens diferenciadas em relação à imagem corporal. O quadro sobre a criação de Adão, que aparece no teto da Capela Sistina, é, talvez, o mais sugestivo entre os outros já citados. Por que seria mais sugestivo? Porque mostra uma maneira de entender a criação do Homem totalmente diferente daquela do Gênese. O Criador transmite a vida a Adão, que está completamente nu, através do encontro do seu dedo indicador com o indicador da criatura humana. A vida é uma passagem de corpo para corpo, portanto da mesma “carne”, ou seja, da mesma natureza. Nada de sopro que dá a idéia de um elemento diferente.

A segunda obra é a escultura de Davi nu mostrando em detalhes a anatomia visível do corpo humano. É, certamente, a exaltação do corpo em sua configuração visual, não no estilo grego de Apolo, mas nas funções da musculatura, da circulação sanguínea, das articulações, da formatura dos membros, da postura em oferenda para ser contemplada e admirada, portanto, da nudez corporal como presença do ser humano, sem máscaras e liberto das amarras do passado vergonhoso da nudez.

A incrível escultura, talvez, a mais espetacular de Michelangelo, é a de Moisés. Dezenas de estudos foram feitos tentando traduzir sua inesgotável “fala”, cuja deficiência seria não falar. Sim, ela é muda de palavras, mas dotada de uma expressividade inesgotável que não cansa seus expectadores e admiradores de contemplá-la e escutá-la. Michelangelo surpreende, com seu Moisés, pela capacidade de imprimir no mármore as capacidades de expressividade corporal que, só recentemente, atraiu a atenção dos estudiosos sobre o corpo humano sempre expressivo, sempre discurso. A fala, ou a palavra, pode tecer cortinas e máscaras. A expressividade corporal será sempre transparente, mesmo nas tentativas de disfarçar.

Por fim, a última obra anunciada, a Pietá. Nela está a plenitude da expressão da fragilidade e do sofrimento humanos. Um corpo dilacerado nos braços de uma mãe aflita que o recebe na impossibilidade de curar seus ferimentos e restituir-lhe a vida poderiam ser o símbolo de todos os corpos, vítimas da violência do próprio homem, Haveria uma maneira mais eloqüente de expressar o sofrimento humano do que colocar o corpo morto do

filho nos braços da mãe? E justamente a mãe e o filho dos personagens fundamentais na teologia cristã. Será que Michelangelo pensou nas execuções, punições, torturas e suplícios praticados durante os quinze séculos anteriores? A Pietá, talvez, poderia despertar a sensibilidade humana, diante das injustiças e crueldades do passado, para praticar na nova era que se desenhava.

O Renascimento foi um movimento fundamental para o Ocidente acordar de sua letargia diante dos dogmatismos autoritários e opressores. Não trouxe a solução, mas abriu caminhos e alternativas de esperança para grande parte da população marginalizada poder sonhar com uma atmosfera de justiça. Um olhar atento às idéias renascentistas percebe que elas ofereceram os pressupostos necessários para executar revoluções em todos os sentidos. Se esses sonhos triunfaram ou fracassaram será detectado nos passos seguintes.

O conjunto destas possíveis revoluções, bem o mal conduzido, foi chamado de modernidade, significando o que é do tempo, de hoje, atual. O significado do termo é secundário, o que importa são as novas idéias que passaram a circular.

Um desprezioso olhar horizontal consegue identificar as linhas gerais do ideário e a nova visão de mundo que operaram a transição para a Modernidade. O surgimento de um grupo de filósofos, pesquisadores, cientistas, literatos e pensadores em geral formaram um núcleo de poder em oposição ao poder religioso centralizador. A fonte de autoridade destas novas lideranças foi encontrada na Razão. O homem já se tornara o centro do humanismo, na medida em que se afastava de Deus, faltava encontrar a entidade, de um lado, que a substituísse a divindade e, de outro lado, que estivesse enraizado no homem. Assim a Razão, que vinha sendo valorizada desde os gregos, passou a ser proclamada a única possibilidade de conhecer a verdade sem o controle de autoridades. A obra de René Descartes (1596-1650), *O Discurso do Método Para Bem Conduzir a Razão e Procurar a Verdade nas Ciências*, foi aceito como o manifesto da autonomia da Razão perante qualquer outra faculdade ou autoridade para definir o que é verdadeiro e o que não é. O segundo passo foi estabelecer que o grande livro a ser lido pela ciência é o universo, e somente o universo, que está escrito com caracteres matemáticos e geométricos. Assim a matemática passou a ser a linguagem das ciências. E, por fim, somente as ciências poderiam ser o fundamento do pensar, do ser e do agir humanos, isto porque a razão é o único definidor do ser humano. Nada que não fosse racional mereceria crédito.

Novamente será forçoso deixar de lado a imensa paisagem da modernidade, em atenção aos limites e objetivos do tema proposto pelo título do texto, para apreender alguns pontos específicos. Um fato, que provocou conseqüências em vários setores, foi a separação entre filosofia e ciência. A ciência moderna nasceu e se desenvolveu a partir de um novo paradigma epistemológico. A epistemologia científica, dispensando conceitos e princípios a priori aceitos, parte da realidade objetiva para, através da observação, da experimentação e da comprovação, chegar à verdade. O método científico privilegiou os aspectos quantitativos que podem ser manipulados constantemente. A filosofia moderna racionalista, ao contrário, continuou trabalhando com conceitos e princípios abstratos. A grande diferença está em que a ciência moderna tem como ciência básica a física, enquanto a filosofia se apóia em fundamentos metafísicos. Com o passar dos anos a Física foi adotada como a ciência exemplar para as demais ciências, inclusive as humanas, ao mesmo tempo em que a filosofia foi amargando o descrédito da metafísica, inclusive dos filósofos.

A conseqüência desta distinção, que impactou esta caminhada pensante, foi a entrega, sem restrições, do corpo aos cientistas, enquanto a filosofia ficou com questões teóricas sobre conceitos e princípios como racionalidade, subjetividade, objetividade, sociabilidade, liberdade, verdade, violência etc. Neste mesmo tempo, a cientificidade moderna, já multiplicada em várias ciências, esquadrinhava o corpo dos pés à cabeça. Um dia, apesar das resistências teológicas, com dificuldade ela conseguiu romper as fronteiras da pele até chegar a mapear o DNA de cada ser vivo. Saberes que merecem aplausos. A pergunta que incomoda é saber se são para o bem da humanidade ou para o interesse de grupos. Desde que o conhecimento científico foi colocado como a base do sistema produtivo, a resposta está cada vez mais para os interesses. Ainda mais que todo o planeta Terra, antes do corpo, é alvo deste esquadrinhamento ilimitado. Os fatos respondem, é só observar.

O corpo uma vez entregue às manipulações científicas, inicialmente à física, não passou de um objeto físico como os demais. Aos poucos, na medida em que as pesquisas avançavam sobre ele, notou-se a diferença entre um corpo morto e um corpo vivo. O famoso anatomista, Vesale²¹, constatou que a anatomia somente poderia ser completa se fosse feita em corpo vivo. A Biologia e a Química entraram na concorrência pelo estudo do

²¹ Vesale (Andreas Vesalius) 154-1564. Maior anatomista do Renascimento escreveu *De humani corporis fabrica* (da estrutura dos corpos humanos).

corpo humano. Por fim, apenas para lembrar, aí estão as neurociências. Nenhuma delas conseguiu identificar a consciência, o desejo de felicidade ou o sonho de eternidade.

Essas práticas científicas se tornaram legitimadas graças à oposição entre Razão e Emoção. A primeira é o lugar da lucidez, do equilíbrio, do correto, do conhecimento verdadeiro; a segunda é o lugar da confusão, do desequilíbrio, da ilusão. A racionalidade é o caminho a seguir; a emotividade, o caminho a evitar.

A epistemologia científica é construída sobre o enfrentamento sujeito/objeto, que é mais um dualismo. As ciências devem ser uma leitura reprodutiva do universo. O pesquisador é o sujeito, o universo é o objeto. E no caso do homem, como fica? Para a ciência ele deve ser transformado em objeto. E como assumir, ao mesmo tempo, o papel de sujeito e de objeto? Os biólogos resolvem o problema analisando peça por peça, depois remontam e apresentam a maquete nos manuais, como a reprodução fiel do corpo humano.

A caminhada pensante chegou ao ponto mais deslumbrante e mais complexo, identificar, ainda que resumidamente, os/as novos/as donos/as do corpo humano. O pensar, o saber, o agir precisam das credenciais da razão. Sua única ‘Constituição’ é universal e contém todos os ensinamentos cientificamente comprovados. Sob seu manto e regência surgiram, graças aos ciúmes e à ânsia de autonomia entre seus objetos, dezenas de ciências regionais, cada uma com sua metodologia e objeto específico. O próprio corpo humano foi epistemologicamente retaliado e distribuído para diferentes laboratórios de pesquisas.

Com a identificação da suprema autoridade da Razão e de sua corte, as ciências, a caminhada segue observando os semideuses/as que se instalaram na existência humana e as limitadas resistências aos seus domínios.

O biólogo chileno, Umberto Maturana, entre outros, alerta sobre a precariedade da oposição entre razão e emoção. O argumento é de ordem biológica e com um raciocínio muito simples: “a existência humana é o entrelaçamento entre razão e emoção. Todo sistema racional tem um fundamento emocional. A opção pela racionalidade foi feita em nome do emocional. A razão serve para justificar nossas ações decididas pelas emoções.”²² E acrescenta: Nós, seres vivos, somos sistemas determinados em nossa estrutura, de tal

²² Maturana, op.cit. p. 15-16 e 18.

forma que, quando algo externo incide sobre nós, o que acontece conosco depende de nós, de nossa estrutura nesse momento.”²³

A pedagogia dos modelos racionais de pensar foi transferida para a educação corporal. Georges Vigarello denuncia: “O corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança, é o primeiro espaço onde se impõem os limites sociais e psicológicos do comportamento”.²⁴ Gregory Bateson é um grande lutador pela reintegração de toda a natureza, não apenas como somatório das partes separadas pela ciência moderna, mas uma unidade orgânica. Os títulos de duas, entre suas obras fundamentais, são esclarecedoras, *Natureza e Espírito* e *Uma Unidade Sagrada*. E o resumo de todas poderia ser: “A vida, provavelmente, nem sempre estará interessada em saber o que é logicamente aceitável. Eu ficaria realmente surpreso”.²⁵

As molduras limitantes da mente e do corpo, mantendo o dualismo, se estenderam em grande parte das atividades existenciais, especialmente aquelas que interessam para o sistema de produção e das estruturas econômicas e de poder. Neste cenário aparecem com destaque a educação física e a saúde, em alguns casos, de mãos dadas. A começar pelos esportes. O esporte é saúde, é diversão, é confraternização. Não é preciso escrever aqui, basta ler ou assistir os meios de comunicação. Melhor ainda observar eventos esportivos. Se for saúde, por que criaram a medicina esportiva? Por que os clubes têm departamento médico? Por que os grandes eventos montam aparatos espetaculares de assistência médica e hospitalar? Se o esporte é diversão e confraternização, por que tanto policiamento, por que tanta vigilância e combate ao uso de drogas? Por que os elogios ao tão celebrado fair-play. Por exemplo, quando um atleta, num jogo de futebol, fica caído, a partida é interrompida para entrar a maca com o socorro. Tudo resolvido, a bola volta a rolar. Esses segundos fugazes são festejados como fair-play, que voltarão quando de outro incidente. O jogo mesmo, logicamente, não seria fair-play. É competição. Quanto às confraternizações dos eventos mundiais, a leitura da obra, *Os senhores dos anéis: poder, dinheiro e drogas nas*

²³ Maturana Idem p. 27.

²⁴ Vigarello, Georges. *Le corps redressé – Histoire d’un pouvoir pédagogique*. Paris, Délarge editeur, 1978. P. 9. Trad. S. Santin

²⁵ Bateson, Gregory. *Os Homens são como a Planta – A metáfora e o universo do processo mental*. In *Gaia – Uma teoria do conhecimento*. São Paulo. Gaia. 1990. P.42.

olimpíadas, desvela um mundo pouco visitado.²⁶ E o esporte na educação escolar pratica a pedagogia da ludicidade ou da competição pela vitória? Que pensar da pedagogia deste projeto esportivo direcionado aos colégios visando atender alguns milhares de alunos com o objetivo de garimpar talentos esportivos? E as lutas marciais na educação física. Que espetáculo! Deprimente. Noticiário mancheteado: um lutador, com chute impressionante, aplica um nocaute. O adversário fica estirado com o dedo do juiz diante do nariz contando o tempo. Enquanto o chutador caminha tranqüilo para seu canto.²⁷

A abertura do cenário das moldagens estéticas apresenta um espetáculo delirante. As intervenções na presença corporal remontam desde o vestuário de folhas de figueira para esconder a nudez do primeiro casal humano. Depois o vestuário foi assumindo novas funções como proteger do clima até identificar as diferenciações das camadas sociais de poder político ou de poder econômico. Até pouco tempo, o corpo determinava o vestuário. Atualmente com os interesses comerciais, a moda de vestir se impõe ao corpo. O passo audacioso foi dado pela medicina estética. Diariamente aparecem informações de intervenções radicais, umas bem sucedidas, outras nem tanto, para redesenhar o corpo herdado. O amor ao corpo, avisa Maturana, não deve ser regido pelas ciências, inclusive a medicina, mas pela vida. No que Pierre-Marie Brunetti concorda: “Uma boa medicina não é a dominação tecnológica da natureza, mas a compreensão de sua lógica”²⁸ Idéias aprovadas, também, por Michel Bosquet afirmando, depois de muitas pesquisas históricas, que as ciências não são responsáveis pela longevidade, mas a boa alimentação, a boa higiene e a boa habitação.²⁹

A caminhada está chegando à última etapa. As formalidades exigiriam um balanço, academicamente, uma conclusão. Na academia tudo é pensado racionalmente, mas, como diz Maturana, quem toma as decisões é o emocional. A emoção acabou ditando a ‘conclusão’. Seria mais fácil? Talvez, sim, talvez, não. Para esta caminhante pensante, a emoção é mais coerente – as emoções também são coerentes – Conforme os mestres da fenomenologia existencial o filosofar não tem conclusão, nem resposta, apenas mais um

²⁶ Simson, Vyv; Jennings, Andrew. Os Senhores dos Anéis: poder, dinheiro e drogas nas olimpíadas. São Paulo, Nova Cultura/et Seller, 1992. Recentemente Andrew denunciou a presença da máfia em 2014.

²⁷ Pequeno vídeo, divulgado via provedor Terra em 08.12.2012.

²⁸ Brunetti, Pierre-Marie. La Médecine a la Question – Une science de la santé au-delà des mythes de la technique.. Fernand Nathan, 1981. Introdução.p. 6.

²⁹ Bosquet, Michel, Quatorze thèses sur médecine, santé e société. In La Médecine a la Question p. 73-87.

passo. Assim como diz o poema de Antonio Machado: “caminante, não hay camino, se hace camino al andar.” Amanhã, todos os dias, o andar fará ‘el camino’ de outra caminhada pensante, porque “al volver la vista atrás se vê (...) estelas en la mar”.³⁰

Por fim, numa conclusão não racional, é tolerável uma declaração pessoal, incluída num currículo nada acadêmico. Entrei na Universidade para filosofar. Exigiram que ensinasse filosofia. Um dia recebi permissão para filosofar na Educação Física. Eta mundo novo! No princípio, quando a educação física precisava definir sua identidade, os debates pedagógicos, sociológicos, psicológicos, filosóficos, políticos eram acalorados. Não tardou que as caravelas cabralinas invadissem o território e o entulhassem com índices performativos, técnicas de rendimento, talentos esportivos e, especialmente, com o princípio de competição como ideologia de dominação e de superioridade a qualquer preço. O corpo deixou de ser vida e centro de amor, para ser máquina de recordes. Aí os mercantilistas chegaram e instalaram seus bazares.

Um dia, quem sabe, o corpo vivente voltará a ser amado, melhor, ser amor; será recebido como integrante da casa, muito mais, como a casa.

Silvino Santin.

Santa Maria, 12.12.2012.

³⁰ Machado, Antonio. Antologia Poética. Editorial Cotovia 1999.